

*O convite da Igreja, neste dia, é este: subamos ao monte da Caveira. Centremos a nossa atenção em Jesus Cristo nas derradeiras horas e nos momentos finais da sua vida terrena. Escutemos o seu grande grito: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”*

*Mas não paremos no passado já distante de há mais de dois mil anos. Contemplemos, hoje, Jesus Cristo agonizante em tantos corações torturados e almas esmagadas pelo sofrimento (físico e moral).*

*No grito de Jesus “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” contemplemos:*

*- Um incontável número de doentes na fase terminal da sua vida, que aguardam o desenlace final.*

*- As vítimas do fanatismo religioso que assola o Médio Oriente, de algumas regiões de África e de outros pontos do globo. Olhemos, neste dia, para tantos cristãos perseguidos, discriminados e assassinados em virtude da sua fé.*

*- Os refugiados de guerra, para os quais a Europa e as Nações Unidas não encontram uma solução para o drama de tantas centenas de milhar de homens, mulheres e crianças.*

*- Essa multidão de idosos que, de modo particular nesse interior profundo votado ao abandono pelo poder central do Terreiro do Paço, vivem o drama do isolamento e da mais absoluta solidão.*

*- As crianças e os adolescentes vítimas de pedófilos sem escrúpulos.*

*- Tantos e tantos jovens à deriva, atolados no alcoolismo, nas drogas duras e nas drogas leves, desamparados, sozinhos no meio de um mar de gente.*

*- Lembro, finalmente, uma multidão imensa de homens, mulheres e também jovens, de todos os grupos sociais sem excepção, que carregam o pesadíssimo fardo de um passado que os tortura, atormenta, desinquieta e esmaga. Uma dor moral que apenas quem a sente a pode descrever e que ninguém mais a poderá alguma vez compreender. Muitas vezes, por detrás do rosto sorridente de um médico, há um mar de dor! Quantas vezes, por detrás do aparente sereno olhar de uma professora, há uma vida destroçada e amargurada. Quantas vezes, aquele simpático funcionário público que nos acolhe com tanta afabilidade está à beira do precipício! Quantas vezes, por detrás da voz simpática que nos atende o telefone, está uma vida esquartejada e uma alma esfarrapada! Tantas e tantas vezes, por detrás do sorriso estridente de um pároco de aldeia, há um oceano de dor, um mar de sofrimento, um rio de amargura! Estas feridas morais não cicatrizam como as dores físicas. As feridas morais nunca cicatrizam! Estas feridas morais doem, moem, torturam, esmagam... Não é fácil carregar a cruz de um passado que nos não enobrece, que nos repugna e esmaga, que nos tira a paz e a serenidade! E essa cruz pesa muito mais quando a pessoa que a carrega a faz sua, só sua, simplesmente sua, eternamente sua...*

*Que, daqui a pouco, no momento da adoração da cruz, “adoremos” as chagas de tantos homens, mulheres, jovens e crianças que, neste dia e nesta hora, também eles, no cimo do seu monte Getsémani, exclamam, de coração dorido e de alma amargurada: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”*